

FEBRABAN



22°



CAFÉ COM
SUSTENTABILIDADE
FEBRABAN

MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA ANÁLISE DO RISCO SOCIOAMBIENTAL



CAROS (AS) LEITORES (AS),

Em junho de 2007, a FEBRABAN - Federação Brasileira de Bancos deu início a uma série de cafés da manhã com o objetivo de discutir temas relacionados à sustentabilidade que afetam o dia a dia dos bancos e seus *stakeholders*. São convidados para os eventos representantes dos bancos associados, de organizações sociais e governamentais, federações e formadores de opinião.

Com essa iniciativa, denominada Café com Sustentabilidade, a FEBRABAN espera promover a reflexão crítica e qualificada sobre esse conceito, contribuindo para a convergência de objetivos dentro do setor.

Essa publicação tem o papel de disseminar e multiplicar conhecimentos e experiências. A seguir, você conhecerá o conteúdo apresentado e debatido em 24 de maio de 2011, durante o 22º Café com Sustentabilidade.

Boa leitura!

Comissão de Responsabilidade Social e Sustentabilidade - FEBRABAN

CRÉDITOS:

Redação

Luana Raggio

Fotos

Juliana Freitas

Projeto Gráfico

Felici Design Estratégico

Coordenação

Mário Sérgio Vasconcelos



MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA ANÁLISE DO RISCO SOCIOAMBIENTAL

Como integrar as mudanças climáticas à análise de risco socioambiental?

Essa foi a questão que norteou as apresentações e o debate do 22º Café com Sustentabilidade, o primeiro encontro da série em 2011.

O evento contou com a presença de Ernesto Cavasin, engenheiro mecânico com especialização em energias renováveis e mercado de carbono da PricewaterhouseCoopers (PwC), e de Eric Shayer, especialista ambiental sênior do International Finance Corporation (IFC).

Foram apresentados "cases" de como as companhias vêm se posicionando em relação ao tema e, particularmente, de como os bancos vêm tratando o assunto no sentido de assumir um papel de fomentadores das boas práticas.



FEBRABAN

ABERTURA

A importância de um fórum para a discussão permanente de questões socioambientais e a tradição do Café com Sustentabilidade foram pontos ressaltados pelo diretor de Relações Institucionais da FEBRABAN, Mário Sérgio Vasconcelos, na abertura do evento.

Ele lembrou que as instituições financeiras precisam se preparar para a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, que acontecerá em 2012 no Rio de Janeiro.

“Nós temos duas opções: ou colocamos nossas questões ou seremos, de alguma forma, colocados”,

alertou. “Para isso, precisamos fazer nossa parte, que é discutir na FEBRABAN como o setor tem enfrentado problemas e encontrado soluções no que se refere ao desenvolvimento sustentável e levar ao evento posições claras”.





Foi chamada, então, a madrinha do encontro e moderadora do debate, Denise Hills, membro da Comissão de Responsabilidade Social e Sustentabilidade da FEBRABAN.

“O desafio dos bancos no que se refere ao risco socioambiental não é pequeno. E o Café com Sustentabilidade é uma ótima oportunidade para discutirmos nossas dúvidas, afirmações e certezas com especialistas que trazem diferentes olhares sobre o tema e sobre como o setor financeiro pode incorporar essas questões na tomada de decisão de negócios”, afirmou.

Denise agradeceu aos palestrantes e os apresentou ao público presente.





ERNESTO CAVASIN

Engenheiro mecânico com especialização em energias renováveis e mercado de carbono. Atuando há mais de oito anos em projetos de sustentabilidade empresarial em diversos setores industriais e diferentes países. Colunista da revista especializada em sustentabilidade da FGV "Brasil Sempre", coordenador técnico do Prêmio Época Empresa Verde do Ano e do Prêmio Carro Verde Do Ano da Revista Autoesporte.

De que forma, hoje em dia, as alterações climáticas podem prejudicar os investimentos das instituições financeiras? Com essa provocação, Ernesto Cavasin deu início à sua apresentação. "Toda mudança traz riscos e oportunidades. Atualmente as instituições financeiras questionam-se sobre o tamanho do risco do investimento e quais oportunidades de mercado serão alcançadas", constatou.

A escala das alterações climáticas contempla previsões de 50 a 100 anos e, não, de 10 a 20 anos, como os bancos estão acostumados a trabalhar. Há uma clara evolução na temperatura terrestre nos últimos anos que demonstra, de fato, a ocorrência das mudanças climáticas. Há que se fazer, então, uma ligação entre o que acontece no clima e o que acontece no dia a dia. E considerar que isso traz risco tanto para o empreendedor, como para a seguradora e para o banco que financiou o projeto.

O principal problema das mudanças do clima, porém, não é o aquecimento em si, mas a distância entre a menor temperatura e a maior. O intervalo entre os picos de temperatura vêm aumentando. E, quando se tem uma inversão térmica, o cruzamento das temperaturas traz grandes problemas, como inundações, tempestades, temporais, com níveis de precipitação cada vez maiores.

Para Cavasin, a melhor forma de se combater o aquecimento global hoje é por meio da mitigação. "Logicamente a mitigação não é 100%, mas nós podemos barrar um pouco as alterações excessivas do clima. Os cientistas dizem que nós emitimos 380 a 390ppm (partes por milhão) de gases de efeito estufa (GEE) e que o limite máximo é de 450ppm. Como carbono não tem prazo de validade e se acumula na atmosfera, falta muito pouco para alcançarmos o acúmulo máximo", completa.

De onde vêm as emissões

A maior parte das emissões de GEE do planeta vem do setor de energia. É na queima de combustível fóssil, o principal gerador de dióxido de carbono, que está o principal problema. De acordo com dados do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês), aproximadamente 75% das emissões de GEE são provenientes de energia, de combustível fóssil – petróleo, carvão, xisto e todos os outros tipos de energia fóssil.

“Não é à toa que os modelos atuais de mitigação e combate ao aquecimento global pregam que a indústria providencie a redução das emissões. Escapam apenas as empresas que estejam desenvolvendo projetos que possam acessar créditos de carbono através de Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL) ou outros mecanismos de flexibilidade do mercado de carbono”, explica Cavasin.

Consumo de energia no mundo

Estima-se que o consumo mundial de energia esteja dividido por três setores: indústria, serviços e residencial – na proporção de cerca de um terço cada um.



FONTE: ESTIMATIVA USANDO DADOS DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE ENERGIA

Analisando-se dados do IPCC, chega-se à conclusão de que para atingir a quantia de 450ppm de GEE – o nível até o qual se consegue prever a razoabilidade das mudanças climáticas –, as emissões do planeta terão de ser reduzidas em 60% até 2050. Proporcionalmente, em torno de 40% terá de vir da indústria. Como não é possível “desligar” a indústria, a meta só será atingida se forem envolvidos todos os elos da cadeia: quem compra, quem vende, quem faz o transporte e quem produz. A constatação clara, de acordo com Cavasin, é de que a população precisa mudar sua forma de viver. Ou, pelo menos, a forma como toma suas decisões.

Comentário final

Hoje as mudanças climáticas representam um dos maiores desafios, mas nem se comparam ao tamanho do desafio pela melhoria da qualidade de vida. No Brasil, a matriz energética é limpa e nossas principais emissões vêm do desmatamento, que registrou redução ultimamente. Dessa forma, o espaço para eficiência energética no país é enorme. “Aqui, as instituições financeiras têm oportunidade de lançar novos produtos, novos sistemas financeiros e novos modelos de comercialização para eliminar o risco de ver investimentos e financiamentos indo por água abaixo”, finalizou Cavasin.

ERIC SHAYER

Especialista ambiental sênior do International Finance Corporation (IFC), onde vem trabalhando nos últimos três anos como especialista líder na avaliação de risco socioambiental de projetos. Formado em Agronomia pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ), da universidade de São Paulo (USP), e Engenheiro de Saúde e Segurança Ocupacional também pela usp, Eric é mestre em Ciência Ambiental e tem especialização em Geotecnologias Aplicadas à Gestão Ambiental.

Com a missão de combater a pobreza e promover o desenvolvimento global, o International Finance Corporation (IFC) é um organismo multilateral que faz parte do Banco Mundial e atua focado no setor privado. Desde a década de 80, o IFC já fazia avaliação de risco social e ambiental dos projetos financiados, com base nas salvaguardas do Banco Mundial. Em 2006, a instituição desenvolveu seus próprios padrões de desempenho sociais e ambientais, que acabaram se traduzindo para todo o setor financeiro.

Há dois níveis para se tratar das mudanças climáticas na análise de risco socioambiental no setor financeiro, de acordo com Eric Shayer: o estratégico e o operacional. O primeiro se refere à escolha por financiar ou não um projeto. E é exatamente onde se pode alcançar resultados mais positivos, uma vez que se pode priorizar o investimento em projetos mais inovadores e sustentáveis, em detrimento daqueles nos quais os custos sociais e ambientais são muito altos, mesmo quando mitigados.

Todos os projetos de investimento analisados pelo IFC passam por uma avaliação frente aos oito padrões de desempenho estabelecidos pela instituição. Há um que trata especificamente das emissões de GEE, que estabelece que os clientes têm de contabilizá-las e, dependendo do caso, identificar oportunidades de mitigação.

O primeiro desafio que surgiu dessa análise, de acordo com Shayer, foi a questão da quantificação. Diante disso, a IFC desenvolveu uma ferramenta para calcular a quantidade de GEE emitida por uma empresa. O quadro de referência definido, tendo em vista que o objetivo é gerenciar riscos e identificar setores que possam estar mais expostos, considera apenas as emissões brutas (diretas) e, não, as líquidas.



FEBRABAN

O segundo corte que a IFC teve que fazer foi em relação ao escopo dessa avaliação. O levantamento contabiliza somente as emissões diretas e aquelas relativas ao consumo de energia da empresa, mas não são contabilizadas as emissões geradas por seus fornecedores, nem referentes ao uso de produtos.

No caso de instituições financeiras, existem as considerações contábeis, determinadas pelo impacto do financiamento que se está oferecendo em termos de emissões. O IFC criou uma metodologia que estabelece que, quando o financiamento está vinculado a um projeto específico, de *project finance*, contabiliza-se as emissões proporcionalmente ao investimento da instituição naquele projeto.

A planilha criada utiliza fatores de emissões para calcular o inventário de um projeto a ser financiado. Seu preenchimento é de responsabilidade do setor de Investimento do IFC, com o apoio da área Ambiental e Social. “Nenhum projeto de financiamento é encaminhado para aprovação se esse dado não tiver sido contabilizado”, esclareceu Shayer. Quando a quantidade ultrapassa os limites estipulados, o cliente tem de apresentar medidas de mitigação de acordo com as características do projeto.

O IFC tem um programa de consultoria em produção limpa, de acordo com o qual são divididos com os clientes os custos da contratação de um especialista para identificar as oportunidades de investimentos no negócio que resultem em redução das emissões de GEE. O profissional identifica as oportunidades de melhoria para o uso mais eficiente dos recursos de forma a minimizar as emissões, faz um levantamento inicial dos investimentos de mitigação que terão de ser feitos e, eventualmente, o IFC pode abrir uma linha de financiamento específica para o projeto de mitigação.

O DEBATE

Os dois convidados do 22º Café com Sustentabilidade e a mediadora, Denise Hills, compuseram a mesa do debate. A seguir, alguns dos pontos discutidos:

A mediadora iniciou o debate comentando o fato de as instituições financeiras terem dificuldade de incorporar a tendência da avaliação das mudanças climáticas na análise de risco socioambiental. Ela perguntou aos palestrantes que argumentos ou experiências podem dar velocidade a esse movimento.

- Ernesto Cavasin lembrou que qualquer alteração nos nossos hábitos traz uma restrição e essa externalidade citada pela Denise provoca uma ruptura do modelo ao que estamos acostumados. Contudo, as mudanças mais abruptas trazem mais oportunidades. O próprio Banco Mundial conseguiu capturar um ganho no mercado de carbono considerável. Recentemente alguns países da África instituíram sob forma de lei que se avalie o impacto das mudanças climáticas no investimento de um projeto. Isso vai mudar o padrão de comportamento e seu legado é positivo.
- Já Eric Shayer acredita que o entendimento sobre o que os desafios das mudanças climáticas significarão para os nossos filhos ainda é muito restrito. Existem várias formas de se abordar o tema no setor financeiro. A maior possibilidade de sucesso está no nível estratégico, quando se decide ou não pelo investimento.

Uma representante do Centro de Estudos em Sustentabilidade da Fundação Getúlio Vargas (GVCes) quis saber o que o setor financeiro está fazendo junto a analistas no sentido de incentivar o mercado a investir em empresas mais sustentáveis.

- Shayer salientou a existência de produtos específicos e fundos de investimento preocupados com a questão da 'pegada ecológica'. O próprio BNDES andou promovendo alguns fundos nesse sentido. Porém, são iniciativas individuais e, não, um movimento estruturado do setor.

OPINIÕES

"O 22º Café com Sustentabilidade foi muito positivo, pois os palestrantes abordaram não apenas os aspectos dos riscos, mas também as oportunidades de negócios nas ações de mitigação das emissões de carbono. Nesse sentido ficou claro que há muitos aspectos a serem explorados no mercado de carbono que, sem dúvida nenhuma, trazem benefícios para as instituições financeiras, para seus clientes, para o mercado brasileiro e para a sociedade em geral."

Oriana Rey, Assessora do Programa Eco-Finanças da Amigos da Terra – Amazônia Brasileira



- A Denise comentou o exemplo dos Princípios para o Investimento Responsável, uma carta de princípios que há um ano tinha a adesão de cerca de 780 empresas e hoje contabiliza mais de 900. Em porcentagem, essa adesão subiu de 1% para 4% do mercado e a tendência é crescente.
- Para complementar, Cavasin lembrou que há várias iniciativas em andamento, como o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), da BM&FBovespa. Assim como ele, os Princípios Voluntários, os Princípios do Equador e os padrões de desempenho do IFC são relativamente recentes. A conscientização dos investidores é um processo em evolução.

O próximo questionamento foi feito por uma funcionária do banco Votorantin, que quis saber o que o IFC analisa no caso de projetos de instituições financeiras, já que o modelo apresentado pelo Shayer se refere especificamente à indústria.

- O palestrante explicou que, em se tratando de operações com outras instituições financeiras, o risco socioambiental é analisado considerando as características específicas de cada linha de crédito. Como padrão, a instituição analisa as questões trabalhistas do banco (cliente) e pede que a instituição financeira desenvolva um sistema de avaliação de risco social e ambiental que seja proporcional aos riscos da operação que está sendo financiada.

“As instituições financeiras têm um papel crítico na alavancagem do nosso sucesso ou fracasso na mitigação, prevenção e adaptação às mudanças climáticas. As contribuições de Ernesto Cavasin e Eric Shayer foram bem interessantes e relevantes, mas me pergunto quando é que vamos também incorporar, de fato, a pegada social nos discursos e práticas das empresas?”

Renata Monteiro Pereira, *Gerente de Mobilização de Recursos e Comunicação da Care Brasil*

“Entendo que a mudança climática exige mais do que a mudança de comportamento por apresentar uma infinidade de oportunidades para se inserir iniciativas sustentáveis como estratégia de negócios. Possibilita, portanto, a introdução de inovações tecnológicas e, conseqüentemente, liderança de (novos) mercados. Quem estiver atuando fora dessa observância, a meu ver, está irremediavelmente conectado às práticas de negócios dos séculos passados e a sociedade impõe hoje o desafio de uma gestão social e ambientalmente responsável.”

Alípio Labão, *Sócio Consultor da Action Consulting*



CAFÉ COM
SUSTENTABILIDADE
FEBRABAN

FEBRABAN – FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BANCOS
AV. BRIGADEIRO FARIA LIMA, 1485, 15º ANDAR | CEP 01452-921 | SÃO PAULO | SP

WWW.FEBRABAN.ORG.BR